

INTERNACIONAL

Para Mitterrand, omissão dos ricos foi para ajudar

O presidente francês achou o texto final da cúpula do G-7 benéfico ao 3º Mundo

PARIS — O presidente francês, François Mitterrand, afirmou ontem que os líderes das sete maiores nações industrializadas — o G-7 — decidiram omitir qualquer menção formal ao caso do endividamento do México para evitar maiores problemas no processo de negociações entre esse país e seu comitê de bancos credores. "No momento, os bancos privados estão buscando um acordo para a situação de seus créditos com as autoridades mexicanas e achamos que uma interferência nesta fase ainda delicada de debates poderia prejudicar as negociações", declarou Mitterrand em sua primeira entrevista após o encerramento da cúpula econômica do G-7, domingo, em Paris.

Mitterrand, anfitrião da conferência e também defensor de estratégias multilaterais para a redução do gigantesco débito do Terceiro Mundo, declarou aos jornalistas que o comunicado final da cúpula faz apenas uma referência superficial ao problema do endividamento porque, em sua opinião, qualquer declaração sobre casos particulares ou



France Presse

Mitterrand: apoio velado

da América Latina como um todo "teria sido muito imprudente". O presidente francês disse que "era do próprio interesse mexicano que nenhuma referência específica sobre sua crise financeira fosse feita".

No comunicado final dos sete líderes, que além de Mitterrand incluíram os chefes de governo e Estado dos EUA, Grã-Bretanha, Itália, Canadá, Alemanha e Japão, a questão da dívida externa foi mencionada com um tom de preocupação, mas também de esperança: "Estamos fortemente comprometidos com a estratégia de redução

da dívida", afirmaram os líderes, numa demonstração de solidariedade ao Plano Brady, do secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady.

Os líderes mundiais também destacam em seu comunicado que os países devedores precisam, com a ajuda do Banco Mundial e do FMI, adotar políticas econômicas dirigidas ao livre mercado. "Principalmente", afirma o documento, "para mobilizar a poupança interna, estimular investimentos e reverter a fuga de capitais."

Em Washington, o presidente norte-americano, George Bush, também fez ontem uma primeira avaliação da reunião de cúpula do G-7 e descartou a possibilidade de estar próxima uma fase recessiva na economia internacional e, principalmente, nos Estados Unidos. "Nem eu nem meus companheiros na cúpula econômica pensamos na ocorrência de uma possível recessão americana", afirmou.

Ao ser indagado se poderia aumentar os impostos dos contribuintes dos EUA para reduzir o déficit público do país — um dos itens destacados pelo documento final da cúpula do G-7 como prioritários para a segurança da economia internacional —, Bush voltou a apelar à estratégia do "leia meus lábios" e simplesmente respondeu: "não".